

Literatura e mundo: uma proposta de leitura literária da obra *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, de Grada Kilomba

Aline Maria Miguel Kapp-Barboza¹

Mary Nascimento da Silva Leitão²

RESUMO

Considerando que o racismo é um legado do colonialismo e da escravização, e, como tal, tem uma dimensão tão profunda e *estruturante* que nem sempre é percebido, discutir suas raízes e as consequências que esse comportamento gera é fundamental para buscar uma educação emancipadora. Nesse contexto, propõe-se elaborar uma atividade de intervenção prática de mediação e de compartilhamento de leitura literária propícia ao debate de temáticas que possibilitem conhecer e valorizar a pluralidade étnico-racial e contribuir com o processo de ensino-aprendizagem. Como estratégia metodológica, uma vez que se entende a obra como um romance dotado de “literariedade”, a leitura do texto literário seguirá as etapas propostas por Eagleton (2017) e os momentos de interpretação de Cosson (2009). Desse modo, ao considerar caráter humanizador da literatura, espera-se que a atividade proposta possibilite o despertar de um novo olhar para a problemática, colaborando com a desconstrução de discursos racistas.

Palavras-chave: Leitura literária; Grada Kilomba; educação decolonial; racismo; relações étnico-raciais.

ABSTRACT

Considering that racism is a legacy of colonialism and enslavement, and has a deep and structuring dimension not always realized, discussing its origin and the consequences this behavior generates is fundamental to seek an emancipatory education. In this context, it is proposed to elaborate a practical intervention activity of mediation of literary reading favorable to the debate of themes that allows students to know and value ethnic and racial plurality, contributing to the improvement of teaching-learning process. As a methodological strategy, the reading of the literary text will follow the steps proposed by Eagleton (2017) and the moments of interpretation (COSSON, 2009). Thus, considering the humanizing character of literature, it is expected the proposed activity awakens a new perspective at the problem, collaborating with the deconstruction of racist discourses.

KEY WORDS: Literary reading; Grada Kilomba; decolonial education; racism; race and ethnic relations.

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Câmpus Barretos, São Paulo, Brasil. Contato: alinekapp@ifsp.edu.br. Orcid: 0000-0001-5478-5171.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Professora substituta do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil. Contato: maryepoesia@gmail.com. Orcid: 0000-0001-6445-9863.



1. Introdução

Compreendendo a escola como um espaço difusor de cultura e conhecimento (BRASIL, 2006), que integra, para além dos conteúdos específicos, processos formativos que buscam a transformação da realidade do sujeito, propõe-se, neste artigo, apresentar uma proposta de intervenção prática de mediação e compartilhamento de experiência de leitura literária. No processo de construção dessa prática, buscou-se discutir, nas aulas de literatura, questões que permitam, a alunos do 2º ano do curso técnico integrado ao ensino médio de uma instituição federal de educação, conhecer e valorizar a pluralidade étnico-racial da sociedade.

O recorte temático atende à exigência das legislações referentes ao tratamento das questões étnico-raciais, a Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório no país o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições de ensino público e privado, e a Resolução CNE/CP Nº 01/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais, além de contribuir para uma educação que considera os direitos humanos para a formação de cidadãos atuantes e conscientes. Ainda quanto à pertinência da temática, vale ressaltar que as primeiras experiências preconceituosas são observadas no contexto escolar dos sujeitos e, na maioria das vezes, essa vivência acaba marcando todo o processo de escolarização (ALGARVE, 2004). Assim, reconfigurar as estruturas de poder, como defende Kilomba (2019), permite que muitos sujeitos marginalizados possam também reconfigurar a concepção de conhecimento.

Considerando esse contexto, utiliza-se a obra de Grada Kilomba, *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, não como um pano de fundo para as discussões acerca da temática racial, mas como um atravessamento da linguagem capaz de nos apresentar, de maneira poética, a atemporalidade do racismo. Questiona-se, então, de que maneira a literatura, cujo objeto agrega cultura e arte e acompanha a humanidade há tempos, conduzindo-o a posicionar-se criticamente frente aos paradigmas sociais e ao significado da vida, em especial a obra de Grada Kilomba, é capaz de possibilitar ao estudante um olhar pessoal mais maduro e uma sensibilidade para compreender as situações de racismo em seu cotidiano.

Mesmo tratando a obra escolhida de um tema bastante importante para as discussões relacionadas à escravização e suas consequências na construção da nossa sociedade, é



necessário compreendê-la não apenas como material histórico, mas principalmente como um romance dotado de “literariedade”, o que demanda um tipo de leitura alerta. Nesse processo, ancoramo-nos, para análise da obra, nos cinco elementos básicos de leitura literária propostos por Eagleton (2017) e nos momentos de interpretação apresentados por Cosson (2009).

Compreendendo, segundo Candido (2002), que a experiência de leitura literária depende, para além do estudo da literatura, da mediação entre o leitor e a obra, espera-se, com esta investigação, trazer uma reflexão sobre história e herança coloniais e patriarcais, principais causas do racismo na sociedade, de modo a contribuir para uma desconstrução linguística, uma vez que “a língua tem uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade” (KILOMBA, 2019, p. 14), e um processo de decolonização do pensamento e do conhecimento que circunda os espaços educativos, buscando, assim, uma sociedade mais justa e responsável.

2. Contextualização

No meu processo formativo, como estudante, a confluência entre literatura e educação ocorreu de maneira natural, pois eu sempre enxergava na literatura um caminho para a educação, para o aprendizado, para discussões. Tanto é que me aventurei na graduação em Letras, já que reconhecia a importância da literatura na provocação da vida em sociedade.

No que se refere à função formativa da literatura, vale retomar questões discutidas por Antônio Candido, no texto se tornou recorrente nos debates sobre as relações entre literatura e educação: “O direito à literatura”, de 1988. No percurso realizado para discorrer sobre a relação da literatura com os direitos humanos, Antônio Candido (2011[1988]) argumenta que há bens claramente reconhecidos como incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa, e há bens compressíveis, como os cosméticos, os enfeites e as roupas supérfluas. Afirma, entretanto, que a fronteira entre essas definições não é simples de se estabelecer, uma vez que o valor de um objeto depende da necessidade relativa que temos dele, a qual se altera conforme os tempos e as culturas. Assim, os critérios de incompressibilidade são fixados a depender da época e da cultura, determinando o que é ou não indispensável para as diferentes camadas sociais. A



educação, inclusive, pode ser instrumento de convencimento das pessoas acerca de suas necessidades.

Para o sociólogo e crítico literário, os bens incompressíveis são aqueles que não apenas garantem a sobrevivência física de maneira digna, mas também aqueles que possibilitam a integridade espiritual. Assim, os direitos humanos, assim como a liberdade individual, a amparo à justiça pública, o direito à crença, à opinião, ao lazer, à arte e à literatura, são bens incompressíveis, ou seja, bens que não podem ser comprimidos dos seres humanos sob pena de uma mutilação. No entanto, Candido (2011) ressalta que arte e literatura “só poderão ser consideradas bens incompressíveis segundo uma organização justa da sociedade se corresponderem a necessidades profundas do ser humano” (CANDIDO, 2011, p. 176).

Nesse sentido, para o autor, se a literatura faz parte de todas as sociedades, configurando-se como uma demanda fundamental, ela é um direito de todo o indivíduo e deve ser assegurada, visto que, em uma sociedade bem estruturada, todos os bens da literatura deveriam ser acessíveis a todos os grupos sociais. Tais discussões perpassam a defesa de a arte ser um direito fundamental para o processo de humanização.

Assim como discutido no início do curso de Especialização em Literaturas de Língua Portuguesa: Identidades, Territórios e Deslocamentos: Brasil, Moçambique e Portugal, diferentes olhares, oferecido em parceria pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), a educação pode sim ser percorrida pelos caminhos que a literatura abre, afinal, conforme afirma Culler (1999, p. 47), “a literatura é o ruído da cultura, assim como sua informação. É uma força entrópica assim como um capital cultural”. Se é capital cultural, certamente, dialoga com a educação. Quando a cultura literária se articula com as noções de humanidades, nacionalidade, literariedade e diversidade, ela se aproxima de discussões educacionais e se torna material riquíssimo nesse debate. A arte é crítica, a educação também. A arte se faz pela linguagem, a educação também. O conhecimento é construído sócio historicamente, a arte também. Há muito de convergência nesse debate.

Ainda no que se refere ao meu percurso, conforme eu fui me desbravando pelas diferentes correntes literárias e pelas diferentes vivências nos grupos sociais dos quais



participava, fui compreendendo melhor fenômenos artísticos, culturais, políticos e ideológicos e a necessidade de buscarmos uma organização de sociedade mais justa, possibilitando, então, o acesso aos bens incompressíveis. Dadas essas vivências com o outro, atualmente, na minha prática docente, a literatura ocupa um espaço de pedagogia política, por isso, atrela-se aos estudos culturais (SOUZA, 2014), pois minha prática educativa ocorre sempre na tentativa de mostrar e despertar um olhar crítico para o mundo e para as relações que nele estabelecemos.

Nesse sentido, o curso de pós-graduação me mostrou que a literatura se apresenta como modo de intervenção nos espaços e me apresentou obras que reforçam nossos argumentos e nos exemplificam como podemos refletir, por meio dos textos literários, questões históricas e políticas tão importantes para a organização da nossa sociedade, como, por exemplo, as questões de Abdala Jr. (2014) a respeito do olhar hegemônico e o traço identitário de um povo.

É de extrema relevância para a sala de aula podermos debater questões tão urgentes e necessárias, demonstrando que as visões apresentadas referem-se a um posicionamento unicamente do homem branco europeu. Desconstruir toda essa problemática com os alunos por meio da literatura, analisando os textos, suas escritas subjetivas e identitárias, é um grande avanço, visto que, segundo Candido (2011), ao organizar algo que está acontecendo no mundo, até então não notado por nós, a literatura nos permite olhar para o outro ou para uma situação social de forma ordenada e construída por essa estrutura literária. É essa forma estética que sensibiliza e ensina a ver a vida de alguma maneira, independentemente do tipo de literatura.

Foi com base nessas questões que escolhi a obra *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, pois a forma como Grada Kilomba constrói sua análise sobre racismo cotidiano revela estruturas linguísticas e sociais que permitem compreender as armadilhas psicológicas do racismo estrutural, institucional, cotidiano e subjetivo.

3. Fundamentação teórico-metodológica

Sabemos que a escola tem o papel de educar socialmente o sujeito. Se almejamos, então, uma sociedade menos desigual, precisamos pensar em uma instituição com oportunidades de acesso e permanência mais igualitárias. Entretanto, conforme vários estudos acerca do racismo



(cf. JANGO, 2017), o que é preconizado pela legislação se afasta um pouco da prática no cotidiano das instituições escolares no que se refere à igualdade étnico-racial. Assim, esse contexto contribui fortemente para a não construção das identidades dos indivíduos negros, que, além de não conseguirem se sentir parte da comunidade escolar, são estigmatizados por ela.

Essa ausência da construção de um espaço democrático, que não abarca as diferenças, é bastante discutida na obra analisada nesta pesquisa. Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação: episódios de racismo contemporâneo*, fruto de sua tese de doutoramento, desenvolvido em Berlim, traz escritos sob forma de pequenos ensaios psicanalíticos discorrendo sobre episódios de racismo cotidiano que envolveram a ela, única estudante negra no departamento de psicologia clínica e psicanálise, e mais duas mulheres negras. Kilomba reforça que seu livro explora a atemporalidade do racismo cotidiano, conforme esclarece:

A combinação dessas duas palavras, 'plantação' e 'memórias', descreve o racismo cotidiano não apenas como a reencenação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada. É um choque violento que de repente coloca o sujeito negro em uma cena colonial na qual, como no cenário de uma plantação, ele é aprisionado como o/a Outro/a subordinado e exótico. De repente o passado vem a coincidir com o presente e o presente é vivenciado como se o sujeito negro estivesse naquele passado agonizante (...) (KILOMBA, 2019, p. 29-30).

Assim, no percurso para compreender a importância da educação para as relações étnico-raciais, de forma a lutar contra o silenciamento e o ocultamento, reacender os diferentes tipos de conhecimentos, muitos deles relegados pela modernidade, torna-se imprescindível. Essa busca de conhecimentos parte de uma perspectiva decolonial, uma corrente de renovação epistemológica do século XXI que questiona a geopolítica do conhecimento, estratégia que, por um lado, afirmou teorias e conhecimentos como verdades universais e, por outro, silenciou e inviabilizou sujeitos que engendram "outros" conhecimentos e histórias (BALLESTRIN, 2013). Aberto a uma pluralidade de discursos e metodologias, o pensamento decolonial surge como uma crítica à lógica capitalista de um único mundo possível. Decolonizar é buscar pelo direito à diferença e à abertura pelo pensamento-outro (MIGNOLO, 2007).



Nessa esteira, defendendo a tese de que é fundamental “pensar o mundo da língua portuguesa em bloco”, inclusive do ponto de vista político, Abdala Jr. (2014) ressalta a perspectiva do comparatismo em sua amplitude e a importância do conhecimento do nosso lócus enunciativo, isto é, de onde acessamos o mundo.

Analisar os discursos por meio do lócus enunciativo é importante, pois evita, segundo Abdala Jr. (2014), deixar-se “colonizar” por pessoas que se revestem de hegemonia em termos de poder simbólico, que é típico das assimetrias dos fluxos culturais. Essas assimetrias são resultado de condições históricas e socioculturais que interferem no lugar de fala dos indivíduos. Entretanto, fugir de uma hegemonia historicamente instaurada nas relações sociais estabelecidas entre os indivíduos de localidades diferentes, não é tão simples, pois a hegemonia, que tem bases mercadológicas, muitas vezes é disfarçada numa afirmação da tolerância, apenas marcando uma estratégia de longo prazo de perpetuar e de promover essa hegemonia.

Diante de uma conjuntura como essa, em que se observa a colonização como um meio de inferiorizar os povos dominados, silenciando seus espaços, suas línguas e culturas, em um claro processo de apagamento da identidade de um povo, o qual, como consequência, passa a valorizar apenas a cultura do dominador, a percepção do lócus enunciativo e de sua historicidade, segundo Abdala Jr. (2014), é fundamental para uma crítica que tenha a intenção de se distanciar das generalidades, dos estereótipos e dos discursos hegemônicos.

Nesse percurso, destaca-se que os deslocamentos de identidades por territórios, simbólicos, são produzidos também pela literatura, que, por sua vez, quando estudada sob o ponto de vista desses territórios e desses deslocamentos, não pode ser desassociada de questões históricas e políticas das leituras e análises. Assim, uma vez que não é possível pensar em identidades e não olhar para os processos de subjetivação, a literatura apresenta-se como modo de intervenção nos espaços. Conhecer as obras literárias que debatem essas temáticas reforça nossos argumentos e nos exemplifica como podemos refletir questões históricas e políticas tão importantes para a organização da nossa sociedade.

A inferiorização do sujeito negro pode ser notada nas diferentes obras literárias da literatura colonial, cujas relações de poder imbricadas na interlocução entre colonizado e



colonizador podem ser verificadas tanto na língua quanto na literatura. Enquanto a primeira reflete a imposição do opressor, pois, nos processos de assimilação, a identidade do outro pode se apagar, a segunda registra essas tensões políticas, buscando uma independência, inicialmente intelectual, mas posteriormente política (NOA, 1999; ABDALA Jr., 2014).

Nesse contexto, a obra escolhida convida o leitor a refletir sobre o uso da linguagem, especialmente para o fato de que as palavras carregam uma dimensão política, de modo a compreender que escrever é um recurso para tornar-se sujeito da própria história, abandonando a ideia de considerar-se, por consequência do projeto colonial, hierarquicamente inferior, libertando-se dos aprisionamentos da ordem colonial e negando o lugar de outridade que lhe foi infligido. A autora, ao final do livro, ao materializar sua voz por meio da escrita, torna-se eu, reafirmando-se como sujeito livre da relação com o branco.

Esse processo de conceber a escrita como um ato político, num processo de decolonização, em que se deixa de ser objeto para se tornar sujeito, foi inspirado nos escritos de bell hooks (1989), autora com a qual Grada Kilomba estabelece um diálogo ao longo de sua obra, principalmente por trazer uma narrativa carregada de experiências individuais e subjetivas do racismo cotidiano, por meio da metodologia da análise episódica.

Memórias da Plantação é aqui estudado como um romance carregado de “literariedade” (EAGLETON, 2017) e, por conseguinte, para além de trazer discussões relacionadas à escravização e suas consequências para a formação dos sujeitos sociais, necessita ser explorado a partir da maneira como se diz, como se aborda a temática, observando a forma e os artifícios de linguagem empregados pelo autor. Portanto, ao realizar uma atividade de leitura, o docente deve, além de discutir como ler literatura, acompanhar o desenvolvimento da leitura dos alunos na prática do letramento literário.

Nesse movimento de condução e acompanhamento da leitura do texto literário, seguiremos as etapas propostas por Eagleton (2017), abordando:

- A) **Início:** refere-se à contextualização e à busca de intertextualidade entre obras.
- B) **Personagem:** refere-se à discussão sobre a complexidade das personagens, suas funções e as motivações de seus comportamentos, destacando o fato de que tratar as personagens

9



como se fossem nossos conhecidos é um equívoco que conduz à desconsideração da “literariedade” de uma obra.

C) **Narrativa:** consiste na observação da figura do narrador para garantir “literariedade”. Distingue-se do enredo na medida em que este refere-se a uma sequência de ações, enquanto a narrativa engloba o narrador e suas características. O autor cita como elementos necessários à produção e à análise da narrativa: “a ambientação, o diálogo, a atmosfera, o simbolismo, a descrição, a reflexão, a caracterização aprofundada dos personagens etc.” (p. 92).

D) **Interpretação:** refere-se ao sentido das obras literárias, as quais “estão sujeitas a um amplo leque de interpretações”. Daí a necessidade de os leitores prestarem mais atenção à linguagem de um texto literário, visto que tais textos “convidam o leitor a ‘imaginar’ esses fatos, no sentido de construir um mundo imaginário a partir deles (p. 111).

E) **Valor:** refere-se ao questionamento acerca do que faz uma obra literária ser considerada boa, ruim ou indiferente, a partir dos seguintes critérios: “profundidade, verossimilhança, unidade formal, apelo universal, complexidade moral, originalidade verbal, concepção criativa” (2017, p. 160), condicionados histórica e espacialmente.

Nesse percurso de elucidar os componentes básicos da análise literária propostos por Eagleton (2017), podemos nos questionar sobre a necessidade de interpretar as obras. Em resposta, é necessário lembrar que a escrita e a leitura são práticas sociais e, por conseguinte, subordinam-se aos diversos contextos (sociais, históricos, políticos, econômicos, religiosos etc.) no seu processo de composição e recomposição. Assim, os textos não podem ser concebidos sem interpretação, visto que uma obra literária é sempre produzida como interpretação baseada em uma prática social compartilhada: a escrita. Quando esta materialidade é lida, há reinterpretações da obra e ressignificações do mundo.

No decorrer da leitura crítica aqui proposta, seguiremos os dois momentos de interpretação de Cosson (2009, p. 65-66): o interior, “aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global que realizamos logo após terminar a leitura. É o (...) encontro do leitor com a obra”; e o momento exterior, definido como “a concretização, a materialização da interpretação como

10



ato de construção de sentido em uma determinada comunidade”, quando da ativação de conhecimento prévio, sensibilização e motivação.

Com base nas discussões teórico-metodológico apresentadas nesta seção, propusemos a atividade que se observará a seguir.

4. Apresentação e constituição do objeto de pesquisa

Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano é uma obra que analisa os traumas causados pelo racismo, bem como as possibilidades de cura e transformação. São ensaios que dialogam com a psicanálise, a teoria pós-colonial e o feminismo negro que buscam rememorar o passado colonial, com todas as suas feridas, para reivindicar a humanidade e a individualidade plena do sujeito negro. Trata-se de uma obra escrita em primeira pessoa, ora no singular ora plural, que busca mostrar um lugar onde pessoas negras não são mais vistas como objeto de análise, mas sim como sujeitos de sua própria história.

Grada Kilomba preocupa-se minuciosamente com a linguagem utilizada, pois entende que “a língua informa-nos constantemente de quem é *normal* e de quem é que pode representar a *verdadeira condição humana*” (2019, p. 14, grifos como no original), perpetuando ou não relações de poder e violência. Sua obra, como ela mesma afirma, desobedece poeticamente às várias disciplinas.

Com base nessas relações com a linguagem, com a estrutura narrativa e com a relevância do tema para construção de uma sociedade mais justa, propõe-se, com esta investigação, discutir questões que permitam aos alunos conhecer e valorizar a pluralidade étnico-racial da sociedade contemporânea, e que, ao mesmo tempo, contribuam com a melhoria do processo de ensino-aprendizagem de maneira integral. Para tanto, destacam-se como objetivos específicos: - trazer uma reflexão e uma teorização da história e herança coloniais e patriarcais, principais causas do racismo na sociedade; - contribuir para uma desconstrução linguística, uma vez que “a língua tem uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade” (KILOMBA, 2019, p. 14); e - contribuir para um processo de decolonização



do pensamento e do conhecimento que circunda os espaços educativos.

Nos tópicos a seguir, será descrita a prática de intervenção de leitura do texto literário.

a. Definição e justificativa da prática literária e seleção do texto

A atividade, direcionada a alunos do 2º ano do ensino médio de uma instituição federal de educação, foi concebida para ocorrer com uma carga horária de 20h, divididas em dois encontros de 2h por semana, durante cinco semanas. Para sua condução, por se tratar de um modelo basicamente escolar, será utilizado o *Círculo estruturado* (COSSON, 2014), em que se obedece a uma “estrutura previamente estabelecida com papéis definidos para cada integrante e um roteiro para guiar as discussões, além de atividades de registro antes e depois da discussão” (COSSON, 2014, p. 158). Uma vez que se trabalhará com um público que está desenvolvendo seu gosto pela leitura conduzir a atividade de maneira estruturada favorece a construção de um ambiente mais seguro para o aluno e tende a garantir maior participação.

Rildo Cosson (2014) apresenta os modos de ler a leitura literária a partir da identificação dos quatro elementos da leitura (autor, texto, leitor, contexto) e de seus três objetos (texto, contexto, intertexto). Nesse percurso do processo de ler, os círculos de leitura referem-se às estratégias de leitura coletiva e de compartilhamento de textos, que possuem um caráter formativo (COSSON, 2014), tais como oficinas, comitês, laboratórios ou clubes do livro ou de leitura, as quais visam à constituição de comunidades de leitores, conferindo um caráter social à leitura. São divididas em três tipos, a depender da rigidez de sua dinâmica: estruturados, semiestruturados e abertos ou não estruturados. Os Círculos de Leitura Estruturados, por obedecerem uma dinâmica mais rígida, são mais recomendados para o ambiente escolar, e, por essa razão, foram selecionados para orientar a atividade.

Independentemente da escolha do tipo de círculo, é necessário seguir três etapas para sua adequada realização: (i) a preparação, que deve abarcar a seleção das obras, a disposição dos leitores e a sistematização das atividades; (ii) a execução, em que se efetuam o ato de ler, o compartilhamento e o registro da leitura; (iii) a avaliação, que “pode focar as fases do compartilhamento, o processo de seleção das obras ou qualquer outro aspecto que permita o aprimoramento das ações do grupo” (COSSON, 2014, p. 173).



O baixo índice de leitores proficientes no Brasil justifica ainda mais um esforço da escola para sanar essa dificuldade na formação dos alunos. O círculo de leitura vem como uma forte estratégia de incentivo à leitura, visto que o compartilhamento e as discussões ocorrem em grupo, possibilitando que um leitor estimule o outro. A ideia é associar o ensino de leitura às temáticas transversais, buscando ensinar a palavra-mundo, nos termos de Paulo Freire (1989), estimular o hábito de leitura e incentivar a autonomia do leitor de texto literário.

Nessa busca, escolheu-se a obra de Grada Kilomba, que é dividida em quatorze capítulos: 1) A máscara, em que é retratada a associação da máscara com o colonialismo e suas políticas de conquista e dominação; 2) Quem pode falar?, em que se questiona se o subalterno pode falar, trazendo uma reflexão sobre a produção de conhecimento e linguagem; 3) Dizendo o indizível, em que se afirma o racismo como uma ação violenta ligada a fatores de poder; 4) Racismo genderizado, em que se observa a interface entre gênero e raça na concepção do racismo cotidiano; 5) Políticas espaciais, em que se debruça sobre a interface raça e nacionalidade na instituição do racismo cotidiano; 6) Políticas do cabelo, em que se discutem os discursos que inferiorizam a beleza natural negra; 7) Políticas sexuais, em que se debate o racismo dentro das relações íntimas; 8) Políticas da pele, 9) A palavra N. e o trauma, 10) Segregação e o contágio racial e 11) Performando negritude são capítulos que tratam das políticas do corpo, expondo ações segregacionistas e de isolamento quanto à defesa de uma sujeira racial; 12) Suicídio, em que apresentam-se as faces do racismo e sua relação com a morte; 13) Cura e transformação, que aborda o sujeito negro que não aceita o silenciamento, e, ao mesmo tempo, os contextos em que essa voz não é escutada; e, por fim, 14) Descolonizando o eu, em que se retomam as reflexões dos capítulos iniciais. A partir do quarto capítulo, o livro aprofunda-se nas narrativas das mulheres negras entrevistadas.

Na edição brasileira, Grada Kilomba direciona uma carta aos leitores, percorrendo sobre as situações de racismo vivenciadas e convidando o leitor a refletir sobre o uso da linguagem. A autora apresenta uma explicação sobre o significado de alguns vocábulos que perpassam sua obra, destacando o fato de que o uso das palavras carrega uma dimensão política.

Assim, escolheu-se essa obra literária buscando não apenas situá-la como mais um



discurso linguístico, mas sim como uma produção que deve ser interpretada a partir de sua linguagem, finalidade e estrutura específicas.

b. Motivação e introdução no processo de letramento literário

A motivação consiste em “preparar o aluno para entrar no texto” (COSSON, 2009, p. 54). Assim, para motivar a leitura literária, iniciaremos o debate com algumas questões provocativas e direcionadas, quais sejam: *O que vocês sabem sobre a escravização no Brasil? Quando aconteceu a abolição da escravatura? O que aconteceu com os escravizados após esse período? Houve, de fato, uma inserção do negro na sociedade? Em outras palavras, houve o que chamam de democracia racial? Já ouviram falar sobre o mito da democracia racial?*

Após um debate oral, apresentaremos um texto/fragmento ou pequeno vídeo para discutir e fazer com os alunos extraíam o significado do termo “democracia racial”, mito que reconhecia o mestiço à custa da depreciação dos negros, ou seja, aceita-se a ascensão social do mulato desde que sua ancestralidade africana seja negada (BERNARDINO, 2002).

Em seguida, continuaremos com os questionamentos: *Vocês acham que a escravidão acabou de fato em 1888? Eles tiveram direito à terra? Quais os reflexos hoje da escravização no Brasil? Há situações de relatos de trabalhos análogos à escravidão atualmente no nosso país? Vocês acreditam que esse cenário de preconceito também ocorre no mundo ocidental ou apenas no Brasil?* Por fim, compartilharemos as discussões fazendo anotações individuais no caderno.

Optamos pela escolha de perguntas geradoras, pois farão com que os alunos reflitam sobre o assunto que perpassa a obra a ser estudada, cuja leitura aprofundada demanda o entendimento do processo de escravização no Brasil e sua “abolição” e, assim, possibilita a contraposição com o cenário em outros países ocidentais, como Portugal e Alemanha, locais em que sentiu “na pele” o que era ser a única negra no espaço acadêmico. É necessário que os estudantes percebam que não houve políticas de inserção da população negra e que, portanto, o que tivemos foi um mito da democracia racial.

Seguido do debate sobre as informações históricas que envolvem a população negra no Brasil, para sensibilizar os alunos, leremos em voz alta o poema “Brechtiana”, de Nei Lopes³,

³ Nei Braz Lopes é um intelectual brasileiro, cuja reflexão histórica e elaboração poética conferem visibilidade à



do livro Poética (2014). Tal obra apresenta a postura do autor em relação ao silenciamento do legado negro. Após a leitura, realizaremos uma discussão sobre as impressões que o poema causou nos alunos, analisando brevemente a forma, a métrica, o ritmo e também o conteúdo.

Após essa contextualização, poderemos falar sobre a obra e a autora. Assim, para apresentar Grada Kilomba, faremos a leitura de uma citação da própria autora, em entrevista concedida ao El País: “Normalizamos palavras e imagens que nos informam quem pode representar a condição humana e quem não pode. A linguagem também é transporte de violência, por isso precisamos criar novos formatos e narrativas. Essa desobediência poética é descolonizar” (KILOMBA, 2019). A ideia é apresentar aos alunos o pensamento da escritora e levantar questionamentos sobre as características e seus posicionamentos. Propõe-se mostrar uma foto da autora apenas depois das discussões acerca de seus posicionamentos políticos. Em seguida, um vídeo⁴ de uma entrevista concedida ao Metrôpolis, programa da TV Cultura dedicada ao mundo da arte e da cultura, em que Grada Kilomba discorre um pouco sobre o livro e sua relação com o processo de escrita deste texto, será exibido.

Após esse passo, será selecionado um trecho da obra para início de conversa, a fim de oportunizar ao aluno acesso à linguagem empregada. Será lido o primeiro parágrafo da introdução para discutir o contexto histórico e a questão da descolonização.

Há também uma roda de conversa entre Grada Kilomba e Djamilia Ribeiro, organizada pela Pinacoteca de São Paulo⁵; se houver tempo/oportunidade, os alunos podem assistir, ou é possível deixar como material complementar. Após assistir ao vídeo, é imprescindível a realização de comentários sobre a vida e obra (atuação profissional) de Grada Kilomba, artista interdisciplinar, como ela mesmo se define, que nasceu em Lisboa, em 1968, e cuja família tem raízes em Angola, São Tomé e Príncipe e Portugal, mas que atualmente reside em Berlim. Seu nome é uma homenagem ao nome de suas avós, o que demonstra a importância da identidade

população negra e à multiplicidade dos legados africanos e afro-brasileiros. Formado em Direito pela Universidade do Brasil (atual UFRJ), envolveu-se com o cenário do samba e abandonou a advocacia, passando a se dedicar à música.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nKY239Uu9y0>.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ovSKrDLs9Ro>.



para sua formação enquanto indivíduo.

c. Concepção e estratégias de acompanhamento de leitura

A leitura será iniciada a partir da concepção do ato de ler como uma prática social para depois incentivar a leitura pessoal, por prazer. Assim, seguindo as etapas propostas por Eagleton (2017), para o acompanhamento da leitura literária, abordaremos:

- a) **Início.** A preparação da cena, ou, como costume chamar nas minhas aulas, a contextualização. De suma importância, nesta etapa, será feita discussão acerca da peça-performance em que os atores, todos negros, contam histórias de violências e silenciamentos a que essas corporalidades estão submetidas.
- b) **Personagem.** Nesta etapa, compreender, juntamente dos alunos, que as personagens, embora representem, no contexto histórico, pessoas de carne e osso, pois a obra trata de uma seleção de episódios reais de racismo, tais figuras literárias vivem apenas no texto, que “é uma configuração, um arranjo de significados, e arranjos de significados não têm existência própria” (EAGLETON, 2017, p. 42-43). *Memórias da Plantação* é uma obra interdisciplinar, que combina diferentes teorias acadêmicas com uma narrativa poética.
- c) **Narrativa.** Observar a figura do narrador para garantir “literariedade”. A narração aqui ocorre de maneira diferente. São 14 capítulos, cada qual explorando um tema da psicanálise. Nas primeiras linhas, a narradora convoca uma reflexão sobre o uso da linguagem, debruçando-se sobre a semântica dos vocabulários, organização textual que se assemelha com o que Franz Fanon realiza no livro *Pele negra, máscaras brancas* (2008 [1967]), ao utilizar-se da mesma estratégia, no primeiro capítulo, trazendo considerações relacionadas à linguagem. É importante ressaltar a importância da linguagem no processo de desconstrução, decolonização do conhecimento. A narrativa segue ao longo da obra tencionando questões importantes para se chegar à definição de racismo cotidiano.
- d) **Interpretação.** Todas as obras literárias “estão sujeitas a um amplo leque de interpretações” (EAGLETON, 2017). Levando em consideração a necessidade de os leitores terem de prestar mais atenção à linguagem de um texto literário, discutir com os alunos a questão da forma como a temática é trazida, mesclando narrativas autobiográficas de mulheres negras à voz da narradora, que traz análises baseadas nas teorias psicanalíticas. São as experiências individuais de mulheres negras com o racismo o foco do livro.
- e) **Valor.** Levantar questionamento acerca do que faz uma obra literária ser considerada boa, ruim ou indiferente. Estabelecer com os alunos critérios para avaliar a qualidade do texto literário, tais como “profundidade, verossimilhança, unidade formal, apelo universal, complexidade moral, originalidade verbal, concepção criativa” (EAGLETON, 2017, p. 160), mas atentando-se ao fato de que nenhum é absoluto ou definitivo. Para tanto, estudar sobre o contexto histórico ao qual a obra se assenta, olhar para a obra em si e articular a avaliação.



Uma vez que a obra escolhida é um romance, não será possível lê-la integralmente durante os encontros. Por isso, os alunos serão guiados a fazerem a leitura em casa, trazendo trechos e resumos/comentários para serem compartilhados em rodas regulares de conversa sobre a obra. Nessas conversas, serão tratados temas como linguagem e/ou enredo complexos, que requerem explicações a respeito do andamento da história. Faremos uma leitura dinâmica, em sala, do primeiro capítulo, durante a fase de introdução da leitura literária.

Dentre as propostas de estratégias de acompanhamento da leitura literária, serão realizadas: leitura individual em casa; rodas de conversa para compartilhamento de experiências, dúvidas, curiosidades etc.; produção de diário de leitura semanal, registrando, por meio de texto escrito ou gravação de vídeo ou áudio, as impressões acerca da leitura, as dificuldades, as partes mais interessantes etc.; leitura conjunta para serem trabalhados os recursos expressivos alvos de destaque do professor e dos alunos (COSSON, 2009, p. 63).

d. Atividades de interpretação do texto literário e processo de avaliação

No processo de leitura e interpretação do texto literário, passaremos pelos momentos definidos por Cosson (2009). No momento interior, leremos alguns trechos em sala, destacando traços relacionados à linguagem, identificando o texto do livro como uma melodia, as imagens poéticas, a escolha das palavras. O livro como um todo deve ser lido semanalmente pelos alunos em casa, sendo que a checagem de leitura ocorrerá por meio do Diário de Leitura. No momento exterior, conheceremos o universo histórico que envolve a obra: abolição da escravatura, racismo, ambiente acadêmico, feminismo negro, dentre outros.

Como outra proposta de materialização das discussões, sugere-se recontar as narrativas, tendo como pressuposto o que Grada Kilomba reforça ao logo de sua obra: é necessário lembrar do passado para compreender o presente. De posse dessa informação, será requerido que os alunos criem novas narrativas, narrativas decoloniais, que apresentem não apenas o ponto de vista do silenciado, mas sim sua história como sujeito dos acontecimentos (e não como objeto). As temáticas serão definidas por capítulos. Os alunos, separados em grupos, escreverão novas histórias e, além das artes literárias, podem apresentá-las em outros formatos



artísticos, como uma fotografia, uma pintura, ou outra arte visual, recursos audiovisuais, musicalidades, performances, dentre outras manifestações artísticas.

Por fim, será feita a atividade de interpretação, sugerida por Cosson (2009), feira cultural. Nesse espaço, os alunos farão trocas de leituras sobre os capítulos da obra, fortalecendo a comunidade de leitores e promovendo atividades que, fundamentadas nas interpretações do texto, debatam relações culturais e políticas. Para tanto, é necessário haver espaços referentes aos capítulos utilizados para a construção das novas narrativas. Em um momento específico da feira, haverá a apresentação dos textos dos alunos, nas suas diferentes manifestações (representações cênicas, performance, música, pintura etc.). Uma exposição de dados estatísticos sobre a colocação dos negros/das negras no mercado de trabalho e também com dados sobre a violência sofrida por eles, a fim de trazer conscientização acerca do tema.

Concebendo a leitura literária como um processo que vai se intensificando conforme ampliamos nosso repertório de leitura e a avaliação precisa participar desse processo sem criar constrangimentos ou dificuldades, os alunos serão avaliados por todo o envolvimento e desempenho na realização de todas as etapas do projeto. Para tanto, também será utilizado como materialidade de análise os conteúdos dos Diários de Leitura, que darão insumo para se compreender o percurso, com suas facilidades e dificuldades, da leitura da obra. Além das propostas narrativas, os alunos farão, em grupo, um relatório sobre as atividades realizadas.

5. Análise, discussão e resultados esperados

Voltando-nos a Antonio Candido (2002), no que se refere ao caráter formativo da literatura, compreendemos que não é o que é dito nos textos que os aproxima ou afasta da função humanizadora, e sim a forma como os recursos linguísticos são empregados e articulados nas narrativas. Quanto ao uso da linguagem, a obra de Grada Kilomba demonstra, nos contextos de subjugamento e exploração em que viveram e ainda vivem os negros e negras, a necessidade de esclarecer os detalhes capazes de manipular as relações de poder. O cuidado com a linguagem, nesse processo de deslocamento de objeto de estudo para sujeito da própria história, confere um traço único ao livro. A realidade, despida de mitigações, é



apresentada como posicionamento político, epistemológico e poético que se insurge contra os vários projetos epistemicidas⁶ do passado e do presente, o que pode despertar nos alunos uma visão mais crítica das relações étnico-raciais. É uma discussão necessária.

Ao narrar a si mesma, Grada Kilomba descobre-se como parte de um processo histórico, em que se reconhece como participante de um grupo social e, ao mesmo tempo, levanta questionamentos sobre sua escrita e sobre sua temática. Quando materializa verbalmente um processo histórico de violência que subjugou as populações negras nas Américas e na Europa, ao utilizar-se do termo 'outridade', a autora revela que a língua portuguesa é um território de valores opostos em que, ao mesmo tempo em que se inscreve estruturalmente uma violência colonial, demonstra-se, como discorre Boaventura de Sousa Santos (1995, p.147), algo de uma semiperiferia, uma vez que Portugal também pode ser considerado o "outro" da Europa. Assim, reconhecem-se vozes que lutam para serem sujeitos do próprio discurso, em um processo de autodefinição, e vozes que reconhecem que outras vozes estão interdidas, conforme pretende-se mostrar na obra analisada.

Compreendendo a importância do caráter humanizador da literatura, viabilizado por meio da leitura entendida como experiência capaz de provocar a subjetividade leitora, e do processo de leitura como um espaço de abertura, em que investimentos subjetivos propiciam a "potencialização do papel da literatura na invenção de identidades e evidenciação de sua potência ética e política" (nas palavras de Maria Amélia Dalvi), a proposta de leitura literária busca elucidar a troca de sentidos entre escritor e leitor, de modo a despertar um novo olhar sobre uma problemática violentamente atual, objetivando, assim, colaborar para a construção de uma sociedade mais igualitária, justa e consciente de suas ações e dívidas.

A literatura e o texto literário, por meio da abstração da linguagem, são capazes de

⁶ A noção de epistemicídio foi desenvolvida por Sueli Carneiro. "É um conceito extraído da reflexão de Boaventura Sousa Santos (1995), que integramos ao dispositivo de racialidade/biopoder como um dos seus operadores por conter em si tanto as características disciplinares do dispositivo de racialidade quanto as de anulação/morte do biopoder. É através desse operador que este dispositivo realiza as estratégias de inferiorização intelectual do negro ou sua anulação enquanto sujeito de conhecimento, ou seja, formas de sequestro, rebaixamento ou assassinato da razão. Ao mesmo tempo, e por outro lado, o faz enquanto consolida a supremacia intelectual da racialidade branca." (CARNEIRO, 2005, p. 10).



estabelecer essas relações de sentido, principalmente quando ocorre a mediação da leitura. Por isso, levando em consideração essas questões, espera-se que esta proposta de compartilhamento de experiências de leitura literária configure-se como um desafio de ensino-aprendizagem no qual também se compartilhem visões de mundo, contribuindo para o contexto contemporâneo do ensino de literatura de língua portuguesa, no que se refere às identidades, aos territórios e aos deslocamentos, e promovendo uma integração cultural comunitária que respeite as diversidades.

6. Considerações Finais

Conforme buscamos demonstrar ao longo deste artigo, a narrativa da história pessoal de Grada Kilomba é um ato histórico e político, uma vez que se compreende o racismo, resultado de um processo histórico de violência, como um traço distintivo das relações sociais. Na busca por ser um *sujeito* que descreve e que narra, autora e autoridade da própria realidade, Grada Kilomba defende a necessidade de reconfigurar as estruturas de poder, possibilitando que muitas identidades marginalizadas possam também reconfigurar a noção de conhecimento. Sua obra perpassa pelos inúmeros espaços de manifestações racistas e derruba cada argumento disfarçado de neutralidade. (Re)Apresentar esse cenário e essas discussões para os alunos é de extrema relevância no caminho de construção de um mundo mais justo, consciente e responsável por suas ações.

Nesse sentido, a literatura apresenta-se como modo de intervenção nos espaços, uma vez que o conhecimento de diversas obras, como esta em análise, reforça argumentos e exemplifica como é possível refletir, por meio dos textos literários, questões históricas e políticas tão importantes para a organização da sociedade.

Assim, compreendendo que a literariedade não está apenas no texto, mas, também, na maneira como é lido e no modo como chega ao leitor, a atividade proposta busca, por meio da decolonização do conhecimento e, como consequência, do cuidado com as palavras – visto seu poder de definir o lugar de uma identidade –, demonstrar que a democracia racial foi um mito, cujas consequências foram e ainda são violentas e desumanas, que precisa ser combatido



veemente num processo que não é apenas moral, mas sim psicológico. Retomando Kilomba (2019, p. 46), espera-se que, após a aplicação da prática, os alunos sejam capazes de responder ao seguinte questionamento: Como podemos dismantelar nosso próprio racismo?

Por fim, faz-se necessário ressaltar o quanto é importante articular a literatura aos debates sociais, compreendendo as culturas não de maneira hierarquizada, mas como diversas e mutáveis, de modo a refletir sobre a forma como nós, docentes, conduzimos nossas aulas de interpretação, sem incorrerem em atividades mecânicas baseadas em experiências muito tradicionais de checagem de leitura. Olhar para as várias possibilidades de interpretar e ter uma referência que nos embasa a dialogar com nossos alunos sobre essa questão de a interpretação ser aberta favorece muito nossa reflexão acerca de nossa atuação docente no campo do ensino de literatura e das práticas de letramento literário.

7. Referências

ABDALA JUNIOR, B. A literatura, a política e o comunitarismo supranacional. *Guavira Letras*, n. 18, jan.-jul. 2014. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/viewFile/18/5>. Acesso em 20 ago. 2021.

ALGARVE, V. *Cultura negra na sala de aula: pode um cantinho de africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 2, n. 11, p. 89-117, 2013.

BERNARDINO, J. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. *Estud. Afro-asiát*, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002.

BRASIL. *Educar na diversidade: Material de formação docente*. DUK, C. (ed.). Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, DF: MEC, 2004.

BRASIL. *Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática



História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l110.639.htm. Acesso em 10 jul. 2021.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, A. *Textos de intervenção. Seleção, apresentação e notas Vinicius Dantas*. São Paulo: Ed. 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico).

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CARNEIRO, A. S. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COSSON, R. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

CULLER, J. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999.

EAGLETON, T. *Como ler literatura: um convite*. Porto Alegre: L&PM, 2017. E-book Kindle.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. 2. ed. São Paulo: Martis Fontes, 1994.

FREIRE, P. *A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

hooks, b. *Talking back: thinking feminist, thinking black*. Boston: South End Press, 1989.

JANGO, C. F. *“Aqui tem racismo”: um estudo das representações sociais e das identidades das crianças negras na escola*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

JOUBE, V. *Por que estudar literatura?* São Paulo: Parábola editorial, 2012.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LOPES, N. *Poética*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2014.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Gragoatá*, Niterói, v. 12, n. 22, p. 11-41, 1. sem. 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33191>. Acesso em 30 jun. 2021.



NOA, F. Literatura colonial em Moçambique: o paradigma submerso. *Via Atlântica*, v. 3, p. 58-69, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49007/53085>. Acesso em 10 set. 2021.

OLIVEIRA, J. Grada Kilomba: “O colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles”. Entrevistada: Grada Kilomba. *El País*, 23 set. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_634355.html. Acesso em 10 ago. 2021.

PINACOTECA de São Paulo. Grada Kilomba: desobediências poéticas. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019.

SOUZA, R. A. Q. de. A confluência literatura/educação: suas realizações históricas. *Gragoatá*, Niterói, n. 37, p. 201-211, 2. sem. 2014.

